Idea- Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde

RESENHA

A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA: PERSPECTIVAS EM ANALISE DA NARRATIVA E INTERAÇÃO

Tamara de Souza Campos[1]

RESENHA

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013, 208p.

O livro aborda a entrevista de pesquisa enquanto um gênero conversacional, explorando essa ferramenta teórica cada vez mais utilizada em pesquisas qualitativas, mas que carece de análises mais profundas, pois os manuais de metodologia optam por geralmente discutir a estrutura e condução da entrevista, em detrimento de uma reflexão da entrevista per se.

Na introdução os organizadores, Liliana Cabral Bastos, professora do Departamento de Letras da PUC-Rio e William Soares dos Santos, professor da Faculdade de Educação da UFRJ, lembram que a entrevista não está restrita ao universo acadêmi-co, sendo cada vez mais valorizada e usual em nossa sociedade, como quando vamos ao consultório médico, participamos de uma entrevista de emprego, de pesquisas de opinião, além das entrevista midiáticas construídas a partir da voz do especialista e/ou ou da testemunha/personagem.

Apesar dos sete articulistas estarem vinculados ao pro-grama de Pós-graduação em Letras da PUC-Rio, cujos textos são oriundos do Grupo de Pesquisa Narrativa, Identidade e Trabalho, o ancoramento em autores de diferentes áreas demonstra que o tratamento dado aos artigos é interdisciplinar. São convocados para o debate os campos da linguística, educação, antropologia,

[1] Professora de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá, Doutoranda em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio, na linha de Memória e Linguagem.

sociologia e comunicação social, apenas citando alguns que se destacam.

Como pano de fundo teórico comum, que perpassa todos os artigos da coletânea, destaca-se algumas ideias de Eliot Mishler . Ele criticou o fato da entrevista de pesquisa ser vista essencialmente como estímulo (pergunta) e reação (resposta), sem levar em conta o contexto em que a conversa ocorria e as identidades que estariam em jogo durante o diálogo.

O livro está dividido em três unidades, representando cada artigo um capítulo. A primeira é intitulada Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa. No primeiro capítulo desta unidade, Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas, de William Soares dos Santos, a entrevista é apresentada como um evento interacional, em que entrevistador e entrevistado constroem de maneira colaborativa os sentidos sobre o mundo social a que pertencem e gerenciam suas identidades durante a conversa. O entrevistador, portanto, não seria um observador à parte, cuja função seria a busca pela verdade, mas um indivíduo que implicado no mundo social.

No segundo capítulo, Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados, de Ana Tereza Rollemberg, apresenta três diferentes perspectivas de fazer/pensar a entrevista: o método positivista, o emocionalista e o construtivista.

É desenvolvida uma crítica à ótica positivista, em que o entrevistado apareceria apenas como fonte de informação, como também à perspectiva emocionalista, em que a verdade se reve-laria nos sentimentos captados por meio da empatia estabelecida entre entrevistado e entrevistador.

Na ótica positivista ou neopositivista, amplamente difundida nas faculdades de comunicação, existe uma crença na objetividade, e na neutralidade, ou em outros termos, na não interferência do entrevistador, que deverá se ater a um roteiro previamente planejado. Vigora também a ideia de que cabe ao entrevistador efetuar as perguntas certas para arrancar de sua fonte informações verdadeiras. O contexto em que a entrevista é realizado não é levado em consideração e os relatos de experiências de outrora são encaixados em um contexto atual, sem que exista uma problematização a respeito. Esta perspectiva é

problemática porque não existem “verdades”, já que “narrativas se constituem de criações” , sendo o significado contextual e, por isso mesmo, não fixo.

A corrente emocionalista ou também conhecida como criativa, relacionada a pesquisas de caráter humanista, busca ter acesso às emoções do entrevistado, estimulando uma relação afetiva com o mesmo. A entrevista é considerada bem sucedida pelo grau de empatia desenvolvido entre entrevistador/entrevistado. Mas a marca positivista que percebe o entrevistado enquanto um receptáculo permanece na abordagem emocionalista, que em vez de considerar o narrador enquanto fonte de informações considera-o fonte de emoções a serem extraídas. Enquanto na visão positivista a validade estaria embasada em uma crença nas verdades colhidas, na percepção emocionalista a sinceridade conferiria autenticidade à pesquisa.

A corrente construcionista surge a partir do anos 80, sendo a mais recente das três abordagens discutidas. Enfoca o discurso como força que constrói a realidade e os significados negociados ao longo da entrevista ajudam os participantes a se (re)posicionarem e a (re)construírem a própria entrevista. Esse é o modelo de entrevista defendido por todos os autores do livro, que enfatizam que a construção identitária do entrevistador e entrevistado ao longo do encontro deve ser encarado de maneira contextual. As subjetividades de ambos atuam, seus objetivos com a entrevista -seja ao fazê-la ou concedê-la, influenciam o modo como os interagentes defendem seu self Mesmo que o cerne da conversa sejam histórias de vida do passado, tais relatos são utilizados para a construção no tempo presente.

No segundo módulo, composto por três capítulos e intitulado A entrevista na pós-modernidade - interação, identidade e performance, o leitor já está munido de instrumental teórico passa a ter contato com trabalhos em que a abordagem de entrevista defendida pelo livro – a construcionista – é colocada em prática em três diferentes contextos. No primeiro caso, presente no texto E aí presidente, esse cafezinho vai sair?: entrevista na mídia analisada como performance, Marcia Vieira Frias analisa a entrevista midiática entre um jornalista e o ex-presidente Lula.

No referido texto, o repórter conta ao ex-presidente Lula que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso estaria cha-

Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu v. 17 nº 2 p. 198-203 1º semestre de 2015

teado com o petista por não ter sido convidado nenhuma vez pelo colega, nem mesmo para um café. Em seguida, o jornalista pergunta “se o cafezinho vai sair”. Ao dirigir uma questão - a priori delicada, ao chefe máximo do poder executivo do país, o jornalista utiliza o senso de humor, amenizando o desconforto que o tópico poderia causar. Em todos os artigos não só o que é dito, mas o modo como os falantes emitem seus discursos são fundamentais para a interpretação dos modos de sentir, pensar e se co-contruir na interação.

Apesar de debruçar-se somente em cima de um par de pergunta/resposta, é notório o manejo da impressão que entrevistador e entrevistado fazem ao apresentarem seus selfs durante o encontro. Os indivíduos ao estarem na co-presença do outro buscam transmitir impressões que consideram pertinentes ao contexto interacional no qual estão inseridos. A autora demonstra como o entrevistador promove um equilíbrio entre a entrevista comemorativa – já que o encontro com Lula marcava o início das atividades do canal Record News, e o tom provocativo típico de entrevistas realizadas com políticos. Percebemos tanto o esforço do jornalista em se construir como um profissional tarimbado, assim como o de Lula que, em sua resposta, se esforça para passar uma imagem de um presidente competente, corajoso, bem quisto em círculos políticos internacionais.

No segundo artigo do módulo, Não tem formalidade nenhuma, muito pelo contrário, e um prazer: análise de hierarquias discursivas em uma entrevista de pesquisa qualitativa, Daniela Caldeira Bruno analisa um trecho de uma entrevista realizada por ela com um major do Exército. A entrevistadora, uma capitã do Exército, e, portanto, subordinada ao entrevistado, concentra seus esforços na análise da interação entrevistador/entrevistado, observando o processo de empoderamento dos participantes do encontro. Ela demonstra que, apesar de seguir como uma conversa amistosa, um jogo pelo poder discursivo estava sendo travado, ao sinalizar com quem o poder estava em vários momentos da conversa.

É particularmente interessante acompanharmos como a autora analisa não apenas o entrevistado, mas a si própria, em uma postura que lembra a reflexividade antropológica. Entrevistador e entrevistado se constroem no aqui e agora da entrevista não

apenas baseados nas identidades de entrevistador e capitão, de um lado, e entrevistado e major, de outro, mas outras identidades são convocadas para a conversa, como a de cinéfilos, ao falarem sobre filmes, pesquisadora, linguista, telespectador de jornal da Globo, para citar algumas que estiveram no jogo discursivo.

No último artigo do módulo, A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo, de Sonia Fabris Campos, a pesquisado-ra entrevista duas professoras da rede pública do Rio de Janeiro simultaneamente. Uma das professoras se esforça para transmitir a imagem de uma educadora preocupada, atenta e merecedora de confiança dos alunos, enquanto a outra educadora, em boa parte da interação, apenas ratifica algumas falas de sua colega, repetindo algumas frases ditas pela companheira, para, mais ao final, se posicionar como uma profissional atenta aos seus deveres.

O terceiro e último módulo intitulado Entrevista e discurso - trabalho, saúde e migração, apresenta no primeiro artigo trechos de entrevistas com jovens, seus familiares e assistentes sociais e objetiva analisar a construção discursiva do estigma da doença, interpretando como este é entendido através das falas de cada um dos atores envolvidos.

No artigo que encerra o livro, cuja temática é a migração, de Maria das Graçãs Pereira, Rosania Lima e Clarissa Bastos, uma das autoras analisa conversas que empreendeu com um porteiro que deixou o Nordeste e está estabelecido no Rio de Janeiro há quase três décadas. O leitor tem a oportunidade de acompanhar duas entrevistas realizadas com um intervalo de seis meses, o que, segundo as autoras, pode ter ajudado com que o entrevistado refletisse sobre sua origens, adotando uma postura mais “agen-tiva” no segundo encontro. Percebemos como entrevistadora e entrevistado se constroem durante a conversa e que os sonhos do migrante pareciam não corresponder à expectativa de sonhos de um migrante na visão da entrevistadora, pois ambos tinham esquemas de conhecimento distintos.

O empenho da apresentação de self também é tematizado neste artigo. O entrevistado se constrói como um saudosista, que demonstra tristeza diante da impossibilidade de retornar à cidade natal. A entrevistadora, que também migrara, mas no sentido inverso, do Rio para o Nordeste, se alinha com o interlo-cutor, demonstrando compreender uma existência marcada pela

Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste - Campus de Foz do Iguaçu v. 17 nº 2 p. 198-203 1º semestre de 2015

contemporânea da entrevista. É defendido o empoderamento do entrevistado, que deveria ser colocado a par do que versa a pesquisa e quais os tópicos serão discutidos de forma a ter mais condições de se posicionar ao longo do encontro, em vez de ser conduzido. Em entrevistas o entrevistado também pergunta, muda de tópico, ou seja, opera segundo sua agenda e seus objetivos. Da mesma forma, é proposta uma participação ativa do entrevistador, em vez de uma tentativa de apagamento de sua presença. A concepção de entrevistador defendida é a de alguém sensível ao entrevistado e que pode interferir, fazer perguntas não previstas. Um script não precisa ser seguido e o objetivo não é o de controlar o encontro, mas o de promover uma abertura para que o entrevistado tenha espaço para construir e recriar suas histórias e experiências.

O último aspecto que tenciono abordar é a polifonia que costuma marcar as narrativas, pois nossos enunciados não são integralmente nossos Na voz do entrevistado muitas vezes ecoariam outros discursos, seja oriundos de uma esfera familiar, do círculo de amigos, da igreja ou da instituição ao qual o individuo é vinculado profissionalmente. A polifonia estaria presente não apenas nas falas do entrevistado, mas também do entrevistador e pode nos dar pistas de como sentimos e significamos o mundo a nossa volta, e como o individual e o coletivo estão intimamente relacionados.

RESENHA

ARTIGO